

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 07. LIBERMANN PARTILHA AS SUAS PREOCUPAÇÕES SOBRE A MISSÃO E SOBRE A CONGREGAÇÃO, A D. Bessieux

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 07. LIBERMANN PARTILHA AS SUAS PREOCUPAÇÕES SOBRE A MISSÃO E SOBRE A CONGREGAÇÃO, A D. Bessieux. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/107>

This VI is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

## 7. LIBERMANN PARTILHA AS SUAS PREOCUPAÇÕES SOBRE A MISSÃO E SOBRE A CONGREGAÇÃO

A D. Bessieux <sup>309</sup>

*Esta carta de 15 páginas em ND, escrita ao longo de vários dias (de 21 de Janeiro a 2 de Fevereiro), dá uma visão geral sobre o conjunto dos problemas que desde há uns meses preocupam Libermann. Depois do preâmbulo para notícias, ele partilha as suas preocupações.*

*Ao vigário apostólico das Duas-Guinés, que o ameaçou de recorrer a outros institutos, Libermann responde sobre a questão de fundo, como lhe prometera quando lhe escreveu de Landes-de-Lougé<sup>310</sup>.*

*Seguem-se depois:*

- a questão com o arcebispo de Paris na sequência da “fusão”;
- o palácio de Maulévrier oferecido à Congregação;
- a ereção dos bispados coloniais, que o preocupam;
- o projeto das capelanias da Marinha em que continua a pensar;
- as missões do Senegal, de Bourbon e da Maurícia;
- os projetos missionários para Whida no Daomé, para a Assínia e para Grand-Bassam, que têm a ver diretamente com D. Bessieux.

*É uma carta de capital importância para se compreender como Libermann, Superior Geral, pensa e atua movido pela preocupação da Missão e da Congregação. Apesar de ser longa, transcrevemo-la na íntegra.*

Paris, 21 de Janeiro de 1850.

Sr. Bispo,

Penso que D. Kobès lhe terá enviado a minha carta endereçada de Landes-de-Lougé. Não se preocupe muito com o conteúdo dessa carta, a tem-

<sup>309</sup> ND XII, pg. 14-29.

<sup>310</sup> Cf. ND XI, pg. 128-132.

*Antologia Espiritana*

---

pestade passou e a boa harmonia está restabelecida. Por amor de Deus, entendamo-nos bem e procuremos manter a união entre os nossos confrades: os de cada uma de nossas missões entre si, os das diferentes missões uns com os outros, os das missões com os da Europa. Cabe-lhe a si, eleito de Deus, e a mim, entendermo-nos e trabalharmos nesse sentido o mais que pudermos.

Digo-lhe que, vir outra Congregação para a Guiné já, não é coisa que me inquiete; estou convencido que, de futuro, você se vai entender conosco e agir sempre com calma e confiança. Um pouco mais abaixo falar-lhe-ei desta questão; mas o que me inquieta é que possa haver algum foco de discórdia que perturbe a relação dos missionários com a Casa Mãe; só me dei conta dumas faúlhas muito leves vindas da Senegâmbia; não provam a existência de nada, mas deixam-me alguma inquietação. Cabe-lhe a si, que recebeu a superabundância da unção da graça divina, comunicar aos missionários que Deus lhe confiou o espírito de benevolência, de caridade e de união ao resto da Congregação. Nos missionários da Senegâmbia não observo o mesmo espírito que nos do Gabão, de Bourbon e da Maurícia. Estou a fazer-lhe uma confiança. Seja prudente, seria mau se alguma coisa transpirasse disto que lhe digo. Aquilo em que me dei conta dalgumas faúlhas foi no espírito de murmuração, na facilidade de julgar, de se mostrar descontente; por outro lado, desde há muito que não recebo notícias dos missionários. Só D. Kobès me escreve e as suas cartas enchem-me de alegria. Bem sei que se eu tivesse podido responder a cada uma das cartas, provavelmente eles teriam escrito mais vezes; mas se existisse esta união, esta afeição transbordante de caridade, isso não os teria impedido de escrever, pois todos deviam saber que eu não pude fazer de outro modo.

Em 1848, todo o meu tempo era pouco para refazer as nossas Regras e tê-las prontas logo que se desse a nossa união com a Sociedade do Espírito Santo; havia urgência, e de facto só acabei no preciso momento em que era preciso ir a Roma; e, depois disso, já não teria tido tempo de examinar as coisas a fundo. Tive-o, quando muito, para fazer as correções, e ainda assim, muitas vezes tive de fazer serão até às onze da noite.

Em 1849, a união tinha forçosamente de mexer muito comigo durante os primeiros meses; a seguir fiquei doente e essa doença bastante grave durou cinco meses, durante os quais fiquei incapacitado de me ocupar de qualquer assunto, sobretudo de escrever cartas.

*Congregação do Espírito Santo*

Depois da doença, em meados de Outubro, pude atirar-me ao trabalho, mas tinha tanto trabalho atrasado, que tinha de pegar no mais urgente. Depois apareceram cinco ou seis assuntos extraordinários muito importantes que me absorveram um tempo considerável. Finalmente, terminei, mais ou menos, esses assuntos (sobre os quais a seguir lhe direi mais alguma coisa) por volta do Natal. Nunca na minha vida trabalhara tanto como durante esses três meses; a bondade de Deus teve piedade de mim e conservou, ou melhor fortificou a minha saúde, porque não estava ainda completamente refeito. Terminado o grosso do trabalho, durante oito a dez dias pequenas indisposições impediram-me ainda de enviar cartas a todos os nossos caros missionários pelos oito que acabam de embarcar; vou, pois, procurar suprir isso, agora que estou em condições de o fazer.

Os PP. Boulanger<sup>311</sup>, Morel, Tangy, Thiérard, de Régnier, Duret, Bourget e Ramboz acabam de embarcar para a sua missão da Senegâmbia com os irmãos Michel, Julien, Antoinet Charles. E ainda quatro irmãs da Comunidade de Castres para Santa Maria da Gâmbia.

Pela Páscoa poderei fazer-lhe um novo envio de missionários, um pouco mais numeroso., Peça-lhe que me diga quantos deseja receber.

Depois deste longo preâmbulo, falemos dos nossos assuntos.

I - Quanto à grande questão da presença duma outra Congregação, eis a minha opinião. Não tenho nada contra essa presença, mas acho que é prematura. Parece-me que uma decisão desta importância tem de se tomar com ponderação.

1º Embora já aí estejamos há seis anos, a missão está ainda no início devido às desgraças e dificuldades passadas. Até à sua tomada de posse não havia nada organizado; ora, parece-me que não seria prudente admitir já de início pessoas estranhas a nós; é preciso que o Sr. Bispo tenha bem assentes os alicerces, antes de levar para aí membros de uma outra Sociedade; senão, arrisca-se a complicar a estrutura, antes de ela ter solidez suficiente para os poder acolher.

2º Não pode fazer uma ideia exata do verdadeiro estado da terra antes de a ter desbravado em profundidade, tal como faz agora, depois de organizada a Missão. Por conseguinte, ainda não sabe bem até que ponto são firmes as dis-

<sup>311</sup> Para Boulanger, Morel, Tangy, Thiérard, de Régnier, Duret, Bourget, Ramboz e Michel, Julien, Antoinet Charles, cf. índice onomástico.

*Antologia Espiritana*

posições de tal ou tal população e onde é que será melhor fixar essa comunidade, se neste, se naquele lugar; ao fazê-lo, agiria um tanto à sorte; enquanto que, aguardando algum tempo, traçará com mais segurança um rumo, pois nem sequer sabe ainda qual o melhor plano para dirigir a Missão: tem um que é bom; talvez daqui a um ou dois anos se veja obrigado a modificá-lo; é mesmo provável que o modifique; pois bem, esta mudança e esta modificação poderão ter uma grande influência na colocação de novos missionários e no modo de agir deles. Com os missionários da nossa Congregação faz o que quer; com outros, não será bem assim: será obrigado a vergar-se a muitas exigências que o entravarão mais do que pensa.

Embora eu seja muito frouxo, muito tíbio e muito mau, creio, no entanto, que também me custa ver perderem-se muitas almas, enquanto se aguarda a execução deste projeto; sofro menos que o Sr. Bispo, sem dúvida: a graça eminente que Deus lhe concedeu e o encargo especial da salvação dessas pobres almas, dão-lhe, com certeza, um zelo infinitamente mais apurado e mais forte que o meu, mesmo que eu fosse melhor do que sou. Não duvido, no entanto, que o Sr. Bispo compreenda e esteja verdadeiramente convencido que a perda destas pobres almas me dilacera, e que eu sou incapaz de contribuir, por qualquer interesse humano ou amor-próprio de Congregação, para a sua perdição. Portanto, se ousar emitir a opinião de que é preciso não ter pressa, é por estar convencido que a pressa constitui um perigo muito grande para a salvação das almas. Apressando-se, talvez se salvassem no imediato algumas mais, mas, mais tarde, por cada uma que se ganhasse agora, perder-se-iam dez. Compete-lhe a si pensar a sério nisto diante de Deus, antes de agir.

Se perseverar na execução deste projeto, não quero de modo nenhum opor-me a ele; somente lhe pediria que me prevenisse antes de o fazer, a fim de juntos nos entendermos em tudo o que se refere ao bem dos membros da Congregação. Acrescento apenas duas outras dificuldades nos pontos 3 e 4 seguintes, que provavelmente o impedirão de executar agora este projeto.

3º Uma grande dificuldade, que se tem de ter em conta, é a dos recursos. Receio bem que os seus recursos não sejam suficientes para as necessidades atuais da missão, sobretudo com as 16 novas aquisições, padres, irmãos e religiosas e mais alguns missionários que lhe mandarei pela Páscoa e outros ainda que talvez lhe possa mandar daqui a um ano, incluindo irmãos. Os seus recursos não são muitos,

*Congregação do Espírito Santo*

tanto mais que a Propagação da Fé diminuiu este ano os subsídios e fará talvez outro tanto ainda no próximo ano, dadas todas as confusões políticas da França.

Caso pedisse pessoal a uma outra Congregação, ela faria um contrato consigo; seria obrigado a dar um tanto por ano a cada missionário; enquanto que com os nossos, o Sr. Bispo vive com eles e eles consigo uma vida de pobreza ou, pelo menos, de sobriedade. Pensa poder obter recursos no interior, crê ter isso por garantido; mas é impossível ter uma certeza dessas, contar tanto com esses recursos, poder empreender com sensatez o que projeta. Portanto, parece-me da maior importância esperar que esses recursos estejam garantidos, tanto mais que para os obter seria preciso fazer despesas talvez maiores do que imagina. Num assunto destes não basta fazer palpites, é preciso ser-se exato e claro. Há ainda mais uma dificuldade: acontece já que quando os nossos missionários são obrigados a sofrer a mínima privação, em chegando o momento da tentação são levados a murmurar; pior ainda, se as circunstâncias os obrigassem a grandes privações e os expusessem a doenças em resultado dessas privações; isso seria já um grande mal; mas se comesçassem a reclamar, se os missionários da Congregação quisessem também fazer exigências em pé de igualdade com os missionários de outras congregações, então o Sr. Bispo teria que aceder ao seu pedido, ao pedido da Congregação, que, neste caso, e para isso, seria obrigada a juntar-se aos que o Sr. Bispo considera como os seus missionários. Aconteceria então que, ao querer levar para aí outras congregações para ter mais missionários, acabaria por ter menos; e ainda por cima, teria o desentendimento na família e o desacordo com a Congregação; e o mal seria infinitamente maior que o bem que em vão teria querido obter.

Deixando estas considerações, que teriam de ser testadas pela experiência, e que podem, por conseguinte, ser mais ou menos contestáveis, direi que, de momento, não me parece que os seus recursos lhe permitam dar esses passos; só o Sr. Bispo conhece, com exatidão, o ponto da situação; conte, Sr. Bispo, os missionários que tem, incluindo já os últimos enviados, ainda em viagem no mar, e os que lhe serão fornecidos na Páscoa e no fim do ano, assim como os irmãos e as irmãs; veja as suas despesas, calcule as despesas que tem de fazer para pôr a funcionar todas as fundações já começadas, casas e capelas a construir, mobiliário, etc.; ponha de lado um fundo de reserva para as necessidades imprevistas e extraordinárias; junte depois o que poderia custar ainda a comunidade que gostaria de chamar e não duvido que chegaria à conclusão que não tem condições para o fazer.

*Antologia Espiritana*

4º Finalmente, uma outra grande dificuldade seria a de encontrar uma Congregação que quisesse aceder ao seu pedido ou que pudesse ser-lhe de grande utilidade; porque se for só para ter mais algumas pessoas, creio que não vale a pena expor-se a tantas dificuldades previsíveis. Fora os jesuítas, não vejo outra comunidade capaz de se lançar a alguma coisa que valha a pena. Das outras comunidades nenhuma estaria disposta ou em condições de lhe fornecer senão um reduzido número de homens e, entre estas, os padres de São Francisco de Sales, pelo que me parece, provavelmente devido aos acontecimentos do Piemonte e da Sabóia, não têm condições de aceitar nem um pedacinho na Guiné, por mínimo que seja. Quanto aos jesuítas, não creio que queiram aceitar; lançaram-se em demasiados empreendimentos, vão poder agora regressar a Itália, já retomaram as suas casas em Roma, são chamados para Nápoles e outros lugares, e estão prontos para retomar os colégios em França. Duvido que possam abastecer, a partir de agora, todas as missões que fundaram em tão grande número, sobretudo se retomarem os colégios em França.

Ultimamente, como tinha resolvido renunciar ao envio de missionários para as Antilhas para ter mais para a Guiné, falei ao provincial de Paris dizendo-lhe que provavelmente iria recorrer à Companhia para que enviassem duas comunidades, uma para a Martinica e outra para Guadalupe; ele disse-me que seria impossível envia-las, tanto mais que se tratava de uma missão que exigiria muito mais gente. Poder-se-iam encontrar outras pequenas congregações em França a que se pudesse recorrer, mas é preciso ter o cuidado de bater à porta certa, e as que têm alguma consistência recusariam porque têm já as suas tarefas bem definidas.

Se apesar de todas estas observações, julgar que é preciso mandar vir uma outra comunidade, encarrego-me de fazer as diligências, se o desejar. No entanto, creio que seria bom consultar a Propagação da Fé, enviando-lhe ao mesmo tempo cópia das minhas observações. Vou dar a D. Kobès uma cópia destas observações, a fim de se entenderem juntos. Considero este assunto da maior importância. Arrisca-se a meter-se em sarilhos de que não será fácil sair.

Retomo agora os nossos assuntos gerais, nos números seguintes.

II - Estamos com uma questão complicada com o Arcebispo de Paris. As antigas Constituições do Espírito Santo punham a Congregação sob a juris-

*Congregação do Espírito Santo*

dição imediata do Arcebispo de Paris, porque, nesse tempo, a única casa que essa Sociedade tinha ficava em Paris. Em 1847 fez-se uma revisão dessas Constituições e depois pediu-se e obteve-se a sua aprovação; ora, nas novas Constituições, o Arcebispo só conserva a jurisdição ordinária e a Sociedade fica submetida diretamente à Santa Sé. Logo a seguir à reunião das duas sociedades, dei conhecimento disso ao Sr. Arcebispo, e eis que rebenta uma terrível tempestade. Acabamos de apelar para a Propagação da Fé para que esta questão se resolva amigavelmente.

III - Um outro assunto que me ocupa seriamente este ano: Um casal nobre da Vendée, tendo infelizmente perdido o seu filho único, num acidente ocorrido na mansão em que viviam, ofereceu-nos essa mansão com as terras à volta para transferirmos para lá o nosso noviciado, e assim fazermos dela uma casa de oração por seu filho e por todos os falecidos da família. Esta doação inclui a mansão, muito grande, com capacidade para alojar 80 pessoas, e mais alguns edifícios; inclui ainda jardins e um parque contíguo à mansão, muito grandes e muito belos, uma quinta e um bosque. Ficariamos a usufruir imediatamente da mansão e do jardim que nos renderiam uns dois mil e cento e tal francos, e, mais tarde, da quinta e do bosque, o que então nos daria um rendimento total de cerca de 7.000 francos. Mas tem sido muito complicado conseguir legalizar a doação. A questão já está deslindada, e embora para já a doação não possa ser feita legalmente, estamos a tomar medidas para assegurar a posse e o usufruto desses bens.

Penso que nas próximas férias vamos transferir para lá o noviciado e o curso de teologia da Congregação. Esta mansão fica em Maulévrier, pequena cidade da diocese de Angers, no meio de uma população boa e muito cristã.

Peço-lhe para dar conhecimento desta notícia aos nossos caros confrades. Diga-lhes que trabalhem bem para a glória de Deus. Quando forem idosos e já não puderem trabalhar na Guiné, terão em Maulévrier um clima mais suave que na Picardia, e uma estadia de sonho na mansão para viverem em paz, e descansarem das fadigas da sua juventude.

IV - Os assuntos das colónias têm-me dado tanto trabalho que mal me deixam tempo para respirar. Tive de me esforçar muito para levantar um pouco as pobres colónias que há muito tempo estão em decadência. O Seminário só tinha 30 alunos. Vamos conseguir brevemente um orçamento



*Antologia Espiritana*

---

para 60 alunos, o que, espero, será suficiente para as necessidades das colônias. Além disso, vamos ter também três bispos titulares, um para a Martinica, outro para Guadalupe e um terceiro para a ilha de Bourbon. Há dois ou três meses, esta última estava quase desesperada; mas com o novo Ministério, tudo se resolveu perfeitamente. O bispo de Langres valeu-nos muito.

26 de Janeiro.

V - Apareceu-me ultimamente outro assunto que me sobrecarregou ao máximo. O Ministro da Marinha quis pôr de pé um sistema de capelanias para os navios do Estado, bem estruturado e capaz dum efeito benéfico e consistente. Meteram-me nisto, o que me tomou muito tempo. Estabelecem-se, assim, novamente, os capelães da Marinha, para todo o navio que leve 500 pessoas. Vai-se fazer apelo às instituições religiosas, às quais se dará uma casa nos portos marítimos; nesses portos elas terão o encargo pastoral de tudo o que é da Marinha. Os capelães das embarcações, quando regressarem de uma viagem, ficarão nessa casa e outros os substituirão nas viagens seguintes, até que se retemperem no seio da comunidade. Pensaram confiar-nos só uma parte das capelanias, porque lhes disse que não estávamos em condições de aceitá-las na totalidade por não podermos fornecer tantos capelães a curto prazo, enquanto que, se outras comunidades ajudassem, se proveria mais depressa às necessidades das tripulações. Pensei que não devia recusar de todo, receando estar a desobedecer a uma ordem de Deus manifestada por sua divina Providência; no entanto, o meu grau de aceitação dependia das vocações especiais que surgissem para esta obra, que estou em crer que hão de surgir, tendo em conta as garantias de sustentabilidade oferecidas pelo projeto. Os missionários não poderiam ser enviados para esta obra, primeiro porque não é essa a sua vocação e depois porque não temos gente suficiente para as nossas próprias necessidades.

Pelo que acabo de lhe dizer, pode ver que não tem nada que se inquietar com este novo projeto, porque não vai tirar nem sequer um missionário às nossas obras principais.

De resto, não é certo que mantenham a intenção de nos confiar uma parte dessa obra e eu não vou fazer absolutamente nada nem a favor nem contra isso; não gostaria de contribuir para carregarmos este fardo, prefiro que seja a divina Providência a decidir as coisas e, nesse caso, ela nos enviará gente

*Congregação do Espírito Santo*

.....

para cumprirmos os desígnios de Deus sobre nós. Se Deus quiser encarregar-nos dessa obra e mandar-nos gente para a realizar, ela será da Maior utilidade para as nossas missões.

28 de Janeiro

VI – Quanto ao Senegal: Tinha proposto ao Governo que o Senegal fosse erigido em vicariato apostólico. Na Marinha este projeto agrada e desejam a sua realização; no ministério dos Cultos são contra. Pensei, pois, que era melhor por agora não forçar o assunto; estou em crer que mais tarde isso vai acontecer.

Eu tinha escrito a D. Kobès sobre isso, porque você na altura estava demasiado afastado para poder receber a minha correspondência. Propunha dois projetos: o primeiro seria o de erigir pura e simplesmente o Senegal em vicariato e anexar-lhe o interior dessas terras, dando-lhe por limite o rio Gâmbia, e mantendo no vicariato da Guiné a margem esquerda desse rio; o segundo seria o de dividir a sua Missão em duas: a Senegâmbia formaria um vicariato, e a Guiné, outro. O vicariato da Senegâmbia iria até à Serra Leoa, ou até outro ponto de que não me lembro por não ter na minha frente a cópia dessa carta; a Guiné ficaria consigo; incluía-se ainda no projeto conseguir que cada um de vós tivesse um coadjutor. O de D. Kobès seria enviado por ele a Galam<sup>312</sup>. Neste último esquema, deixaríamos de lado o Senegal até que o próprio Governo concordasse que ele fosse anexado ao vicariato da Senegâmbia; o que não tardaria muito, porque não seria razoável o Senegal continuar como prefeitura uma vez rodeado de dois bispados. D. Kobès não me respondeu a esta segunda questão. Por isso abandonei este projeto e, já que não consegui a criação do vicariato do Senegal, vou propor a nomeação dum prefeito para São Luís e Goreia.

VII - Os nossos missionários de Bourbon e da Maurícia estão muito bem; o bem que fazem é considerável e muito consolador, estão muito animados, observam muito bem todas as nossas Regras e vivem em paz e em perfeita harmonia. Durante algum tempo os da Maurícia tiveram tanto trabalho que foram obrigados a passar por cima das Regras. O P. Le Vasseur, superior dessa província, passou lá algumas semanas e repôs a normalidade segundo as nossas Regras. Tudo corre às mil maravilha, só que os nossos confrades esgotam-se e não posso acudir-lhes por falta de recursos. Envio um resumo sucin-

<sup>312</sup> Ao sul do alto rio Senegal.

*Antologia Espiritana*

to de seus trabalhos. O P. Francisco é que vai fazer esse curto relatório.

A propósito, peço-lhe que diga aos nossos confrades que, mesmo se não aprouve a Deus fazer que tivessem tanto sucesso como os seus confrades das ilhas, no entanto, os suores e zelo deles agradam-lhe talvez mais que os trabalhos de Bourbon e da Maurícia. Estão encarregados de construir os alicerces de um futuro edifício; semearão, e a colheita virá depois deles. O trabalho dos que cavam os alicerces e constroem sob a terra não parece belo nem agradável; os que vierem depois, sobre os alicerces por eles erguidos construirão a casa de Deus e desfrutarão de sua beleza; eles desbravam o terreno e semeiam com lágrimas e paciência; os que vierem depois, colherão com alegria; eles plantam com trabalho e esforço; os que vierem a seguir, regarão com facilidade e verão com alegria o fruto do que eles plantaram. Diga-lhes pois que continuem cheios de coragem e de perseverança, porque a sua recompensa está guardada toda para o céu enquanto que os seus irmãos, com mérito não menor diante de Deus, recebem já neste mundo uma pequena parte da inenarrável alegria e consolação que lhes está reservada no seio de Deus. De resto, pela misericórdia de Deus, eles não são inferiores aos seus irmãos de Bourbon e da Maurícia no que se refere ao espírito da Congregação e à observância das nossas Regras. É uma das minhas grandes consolações e um dos motivos de ação de graças diante de Deus.

VIII - A sua carta de 13 de Outubro chegou-nos no fim de Dezembro. Suspirávamos pelas suas notícias, estávamos inquietos por não as recebermos. Deus seja louvado, chegaram e consolaram-nos. Tomei nota de tudo o que haveria para resolver:

1º Whida - Ultimamente vi um francês chamado Cristóvão Colombo que passou treze ou dezoito meses em Whida; foi a Abomay, disse-me que havia fundadas esperanças nesta missão, disse-me que o rei do Daomé e o seu povo estão muito ligados aos franceses e que gostariam muito de receber missionários na capital. Na sua opinião seria necessário fixar-se em Abomay e não nos entrepostos comerciais. Disse-me que os franceses de Whida seriam um obstáculo ao bem que os missionários aí pudessem fazer; enquanto que em Abomay seríamos bem recebidos: o rei e os chefes ficariam muito contentes que se abrissem escolas e que se ensinasse o francês ao povo. Acha que pelo Daomé se poderia chegar ao reino dos Aschantis, onde também seríamos bem recebidos: porém, disse ele, não convém chegar a este reino por outras vias

*Congregação do Espírito Santo*

que não pelo Daomé. Já não me lembro de qual o motivo que deu. Voltará a visitar-me e vou procurar obter dele algo por escrito, a fim de que o Sr. Bispo possa apreciar melhor o seu plano. Este senhor está irritado contra os funcionários dos Régis<sup>313</sup>; teve questões com eles. Acusa-os de tudo fazerem para impedir o povo do Daomé de aprender francês. Diz que os missionários devem acautelarem-se deles. Como o vi assim tão zangado com eles, fico na defensiva contra tudo o que me disse. Achei, no entanto, que devia dar-lhe conta disto para que possa ajuizar mais facilmente das ideias e disposições desses homens.

2º Assínia e Grand-Bassam - O que me contou sobre estas terras encheu-me de alegria. Vamos fazer tudo o que pudermos para lhe enviar mais pessoal pela Páscoa, a não ser que as quantias que a Propagação da Fé destina à Missão sejam demasiado pequenas. Ainda não sabemos qual a quantia atribuída; até agora só recebemos 10.000 francos; o resto deve chegar no mês de Março. Receio que esta quantia não chegue aos 30.000 francos. Junte-lhe os 17.000 do Governo, o que faz 47.000 francos. O pessoal da sua Missão totaliza 54 pessoas, incluídos os irmãos e as religiosas. Tem no Gabão 42 crianças, na Senegâmbia 13 ou 17: é de recear que os recursos lhe venham a faltar, se eu lhe enviar mais gente. Mas não se aflija, Deus proverá às necessidades de seus servidores. Vou escrever a D. Kobès, a resposta dele vai-me chegar mais depressa que a sua; vou dizer-lhe as mesmas coisas e se ele não me disser para parar, avançarei, e mandarei para si os missionários de que puder dispor na Páscoa.

Agora vou partilhar consigo uma ideia sobre a estratégia mais ajustada; mas não tendo eu uma experiência prática dos pormenores da Missão, posso enganar-me: por essa razão, é só muito a medo que me atrevo a dar-lhe um conselho; é a si que compete examinar e julgar.

Dada a extensão de sua Missão e a exiguidade de seus recursos, parece-me que seria bom não espalhar demasiado os missionários; mas escolher dois ou três lugares, os mais importantes, fortalecer-se e ir progredindo a partir desses lugares, aumentando todos os anos o número de missionários e criando-se recursos à medida que se avança, com a fundação de escolas agrícolas. Nos começos, estes recursos dão despesa e são um obstáculo ao aumento do pessoal da Missão; mas, uma vez que os tivesse criado, poderia avançar, aumentar de forma segura o número de seus missionários, e ao fim de alguns anos

<sup>313</sup> Trata-se de uma família de grandes armadores e comerciantes. Cf. "Mémoire Spiritaine, n° 14, pg. 15: "M. Vitor-Régis, le P. Libermann et le Dahomey (1841-1846)", por Pierre Trichet.

*Antologia Espiritana*

teria fontes de subsistência para uma centena de padres, de irmãos e irmãs, incluídos os fundos fornecidos pela Propagação da Fé; mas se, pelo contrário, logo ao princípio quiser abarcar muita coisa ao mesmo tempo, sem calcular suficientemente os seus recursos, corre o risco de ter começado em demasiados sítios ao mesmo tempo e de não poder responder à vastidão das suas necessidades. Daí duas dificuldades: não tendo os recursos suficientes para a subsistência de seus missionários, põe em perigo a saúde e até a vida deles, em países tão perigosos como os das costas de África, e arrisca-se a que o desânimo apareça em suas fileiras; empreendendo em simultâneo coisas de mais para os recursos disponíveis, terá de permanecer no statu quo, o que seria do mal o menos; mas o pior é que se arriscava a ter de abandonar missões já começadas para levar o seu pessoal para outro lado. Arrisca-se a permanecer no statu quo, porque não poderá aumentar os seus missionários, devido à falta de meios de subsistência para eles, e porque não pode criar facilmente recursos no país por não ter os fundos necessários para pagar os primeiros gastos que este tipo de empreendimentos exige. Arrisca-se a ter de abandonar certos lugares, porque, com o tempo, dar-se-á conta de qual a melhor maneira de desenvolver os lugares mais importantes, mas faltar-lhe-á gente e dinheiro para dar corpo a esse desenvolvimento, o que lhe causará grandes embaraços.

É nos começos duma missão que é preciso ter-se um grande sentido de prudência para não se meter por caminhos sem saída, para não avançar e depois ter que recuar e por vezes ver-se até na situação, muito complicada, de nem poder recuar. Para mim, a sua Missão começou apenas há um ano; porque antes não havia nem plano, nem organização, nem caminho feito, nem ninguém à frente dela. As desgraças do passado foram a causa disso. Pelos detalhes da sua carta, parece-me que os dois lugares importantes por onde se deveria começar são a Assínia e Whida. Pelo que me diz, pela Assínia poderia atingir-se o reino dos Aschantis; por Whida, o reino do Daomé; e uma vez em Daomé, poder-se-ia ainda, a partir de lá, chegar também ao reino dos Aschantis (segundo o Sr. Cristóvão Colombo) se tal não se conseguisse indo pela Assínia.

2 de Fevereiro

IX - Parece provável que nos encarreguemos de uma parte da obra das capelanias marítimas; para isso teremos que abrir uma casa em Brest, e fornecer capelães, na medida das nossas possibilidades, para os navios que

*Congregação do Espírito Santo*

.....

cruzam o oceano. Mas repito-lhe: não se inquiete, os missionários da Guiné não serão nomeados para esta obra, a qual, ao contrário, nos irá trazer mais missionários, se Deus se dignar abençoar este trabalho. Digo que nos vai trazer mais missionários, pela simples razão de nos obter recursos para o nosso noviciado e nos tornar mais conhecidos em França. Se conseguirmos juntar 30 capelães, como é nosso desejo, teremos 30.000 francos por ano para aplicar no noviciado.

X - D. Kobès escreveu-me a propor-me dar-nos 1.000 francos por cada missionário que vos enviarmos. Acho a proposta razoável. No entanto, comprometo-me a diminuir os vossos encargos o mais breve possível, e a dispensar as vossas ajudas mal estejamos em condições de o fazer.

XI - O P. Bousquet<sup>314</sup> chegou, mas tem uma saúde muito fraca; com muita pena nossa, decidimos que deve continuar na sua diocese. No entanto, a sua vinda não foi inútil, trouxe consigo o P. Mas<sup>315</sup>, que o Sr. Bispo também conhece. Este ficará connosco; mas o P. Bousquet dá-me muita pena, parece-me muito piedoso.

XII - O P. Le Vasseur de Bourbon chegou, acaba de desembarcar em Bordéus, estará connosco dentro de poucos dias. Chamei-o quando estive doente, por não saber em que daria a minha doença.

XIII - Como fui obrigado a fazer interrupções vários dias, já não me lembro de tudo o que disse nesta longa carta, por isso, talvez haja repetições.

Falei-lhe do projeto das capelanias. Ora bem! Este projeto está praticamente posto de parte. Portanto, não se inquiete com isso; de modo nenhum tal projeto prejudicaria a missão; mas, dado que já caiu, só poderá prejudicar-nos no sentido de não podermos ter os recursos que eventualmente obteríamos para o noviciado. Deus proverá.

Recomendo-me muito às suas orações e sou seu pobre servidor.

**F. Libermann, padre.**

<sup>314</sup> Cf. índice onomástico.

<sup>315</sup> Cf. índice onomástico.